



**VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL:  
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS  
VII SEMINÁRIO NACIONAL DE TERRITÓRIO E GESTÃO DE POLÍTICAS SOCIAIS  
VI CONGRESSO DE DIREITO À CIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL**

**(Ordem Patriarcal de Gênero e Relações Sociais do Sexo)**

**Masculinismo, inceldom e violência: a dark web como  
ecossistema da podridão social**

João Guilherme Aldeguer Marques <sup>1</sup>

**Resumo:** a temática comunicada parte da atuação e proliferação de grupos de supremacia masculina na internet, suas correlações com a disseminação das ideias patriarcais, misóginas e a crescente de feminicídio e violência contra mulheres. Os objetivos perpassam pela conscientização da existência dos mesmos, reeducação social e familiar para a produção de uma outra masculinidade possível, como também a elaboração de políticas públicas no combate a esses coletivos. A metodologia se desenrola a partir da observação não participante e da etnografia digital com monitoramento desses grupos na Dark Web. Os resultados ainda estão sendo coletados ao longo da pesquisa.

**Palavras-chave:** dark web; masculinismo, misoginia, incel, violência.

**Abstract:** the theme addressed stems from the actions and proliferation of male supremacy groups on the internet, their correlations with the spread of patriarchal and misogynistic ideas, and the increase in femicide and violence against women. The objectives involve raising awareness of their existence, social and family reeducation to foster the development of an alternative form of masculinity, as well as the formulation of public policies to combat these groups. The methodology is based on non-participant observation and digital ethnography with monitoring of these groups on the Dark Web. The results are still being collected throughout the research.

**Keywords:** dark web; masculinism; misogyny; incel; violence.



<sup>1</sup> Cientista Social, mestrando em Comunicação pelo PPGCOM-UEL, [joao.guilgerme1@uel.br](mailto:joao.guilgerme1@uel.br).



## 1. INTRODUÇÃO

A expansão de grupos de supremacia masculina no ambiente digital, especialmente em espaços menos regulados e não indexados da internet, como a Dark Web, tem se consolidado como um fenômeno relevante para os estudos da comunicação, do gênero, ciências humanas e da violência. Inseridos no que autores como Marques (2024) e Dias (2022) identificam como *machosfera*, esses coletivos articulam discursos misóginos, antifeministas e patriarcais, mobilizando afetos como ressentimento e frustração masculina para legitimar práticas simbólicas e materiais de violência. Tal dinâmica dialoga diretamente com estruturas históricas de dominação de gênero, conforme analisado por Connell (2016) a partir do conceito de masculinidade hegemônica, e por hooks (2019), ao discutir o patriarcado como sistema social violento e naturalizado. No decorrer dessa pesquisa, de modo especial, analiso um grupo específico da *machosfera*, os *incels*, que são caracterizados como um coletivo de meninos autodenominado como “celibatários involuntários”. Ou seja, são praticantes do celibato, mas, segundo os mesmos, por força maior da sociedade.

No contexto brasileiro, a difusão desses discursos encontra terreno fértil em uma sociedade marcada por desigualdades estruturais e altos índices de feminicídio, o que reforça a necessidade de compreendê-los como parte de um ecossistema comunicacional que produz e legitima a violência de gênero. Diante disso, este trabalho tem como objetivo analisar a atuação e a proliferação desses grupos, promovendo a conscientização sobre sua existência, a reeducação social e familiar para a construção de outras masculinidades possíveis, bem como subsidiar a formulação de políticas públicas voltadas ao enfrentamento desses coletivos. Metodologicamente, a pesquisa se ancora na observação não participante e na etnografia digital, com monitoramento sistemático de fóruns e comunidades na *Dark Web*, cujos resultados seguem em processo de coleta e análise.

A emergência de grupos de supremacia masculina na internet contemporânea representa um dos fenômenos mais inquietantes dos estudos sobre comunicação digital, masculinidades e violência de gênero. Popularmente agrupados sob o rótulo de *machosfera*, comunidades como *incels* (*involuntary celibates*), *red pills*, *MGTOW* (*men going their own way*) e outros coletivos masculinistas atuam em plataformas abertas e, de modo particularmente intenso, em espaços menos regulados da internet profunda, como fóruns e comunidades da *Dark Web*. Essa configuração digital tem sido analisada como um ecossistema de disseminação de discursos misóginos e patriarcais, os quais não apenas reproduzem narrativas de vitimização masculina, mas, em muitos casos, articulam justificativas para práticas de hostilidade e violência contra mulheres e outros grupos marginalizados. Pesquisadores destacam que esses ambientes funcionam como canais de radicalização, nos quais elementos culturais próprios da internet, como memes, jargões codificados e lógicas comunitárias, são mobilizados para reforçar visões hierárquicas de gênero e legitimar atitudes extremistas e violentas entre seus membros, frequentemente jovens e em busca de



pertencimento social. A violência passa a ser amplamente divulgada e incentivada nesses grupos.

Essa dinâmica é compreendida como parte de uma crise mais ampla das masculinidades hegemônicas, conforme discutido na literatura sobre gênero, que aponta a persistência de estruturas patriarcais e a naturalização da dominação masculina como fatores estruturais da violência de gênero. A atuação desses grupos transcende a mera expressão de frustração, se inscrevendo em um contexto histórico e comunicacional em que narrativas misóginas se entrelaçam com ideologias extremistas e práticas de ódio, contribuindo para a manutenção e a intensificação de comportamentos violentos no mundo digita. A análise desses fenômenos adquire maior urgência diante das correlações observadas entre a circulação desses discursos e o aumento global de formas diversas de violência contra mulheres, incluindo o feminicídio.

No escopo desta pesquisa, os objetivos concentram-se na identificação e análise crítica da atuação desses grupos, visando promover a conscientização sobre sua existência, discutir a necessidade de reeducação social e familiar voltada para a construção de outras masculinidades possíveis, e fornecer subsídios para a elaboração e implementação de políticas públicas eficazes no enfrentamento desses coletivos e de seus efeitos sociais. O estudo se no monitoramento sistemático de fóruns e comunidades na *Dark Web*, adotando uma lente crítica para compreender as lógicas comunicacionais que sustentam e amplificam as práticas de ódio e violência nesses espaços. Os dados indicam padrões de discursividade que articulam misoginia, ressentimento e adoção de esquemas narrativos de supremacia, os quais estão sendo aprofundados ao longo da coleta de resultados.

Overva-se uma crescente e insistiva produção de violência nestes espaços sociais. Ao se radicalizarem na *Dark Web*, esses meninos passam não somente a instigar a violência, mas principalmente a praticá-las de modo ardiloso e sistemático. Essa violência atinge diversos patamares de gravidades, sendo primeiramente o discurso: racista, misógino, lgbtfóbico, machista, xenofóbico. Os últimos desses patamares infelizmente atingem o homicídio e feminicídio consumados. Além disso, é comum encontrar nesses fóruns a tortura a animais e humanos, estupro e até mesmo a necrofilia. Outro crime que merece destaque dentro deste texto e dessa pesquisa, são os atentados direcionados à escolas públicas, que são disseminados e incentivados nesses grupos.

## **2. DESENVOLVIMENTO**

A atuação e proliferação de grupos de supremacia masculina na internet, em especial nos ambientes menos regulados como fóruns e espaços da *Dark Web*, constituem um terreno fértil para a circulação e radicalização de ideologias patriarcais e misóginas. Tal fenômeno não pode ser compreendido como um simples agravo comunicacional isolado, mas como parte de um verdadeiro ecossistema ideológico extremamente mais amplo. Como já



mencionado a *machosfera* é um conjunto de subculturas masculinistas compostas coletivos masculinistas que articulam discursos de ressentimento, ódio antifeminista e dominação de gênero.

No Brasil e no mundo, a *machosfera* tem ganhado visibilidade, seja por meio de representações midiáticas como a série *Adolescência*, que retrata jovens imersos em discursos de ódio e ressentimento contra mulheres, seja por pesquisas que demonstram a expansão desses discursos em plataformas de grande alcance. Nos fóruns misóginos analisados, membros utilizam narrativas de injustiça social, como a ideia de que relações românticas seriam injustamente distribuídas para legitimar posicionamentos críticos ao feminismo e defender uma hierarquia de gênero na qual o homem teria prerrogativas naturais de superioridade. Para estes meninos, a realidade se baseia em um universos paralelo no qual existe uma grande articulação ideológica e política de mulheres contra homens. Segundo eles, às mulheres tomaram um espaço de superioridade perante os homens, e essa lógica precisa ser reversida para o contrário. Por isso, esses meninos crêem fielmente que as mulheres os odeiam e jamais os escolheriam como opção para o namoro ou a relação sexual. A partir disso, esses grupos produzem um universos extremamente antifeminista e violento, pois para eles a principal alternativa para este problema é a violência. Vale destacar que tal violência também é direcionada para os próprios membros adeptos a esses grupos, que não raramente terminam em suicídio e automutilações, sendo essas práticas inclusive incentivadas dentro do coletivo social. Outro importante a ser destacado é o de que a idade desses membros variam entre 12 à 55 anos, no entanto, diversas vezes foram notadas a presença de crianças menores até mesmo de 10 anos de idade.

Este ecossistema digital não é homogêneo, mas apresenta estruturas discursivas complexas que funcionam como mecanismos de socialização ideológica. O uso de linguagem codificada, jargões próprios e memes dentro desses grupos facilita a circulação de ideias extremistas sem que sejam facilmente detectadas pelas ferramentas de moderação das plataformas, como já observado em estudos de linguagens de grupos *incels*. A migração de usuários entre comunidades mais moderadas ou amplamente acessíveis, como *subreddits* ou grupos públicos, para fóruns mais radicais na *Dark Web* também demonstra a dinâmica de radicalização comunicacional, em que discursos de frustração se transformam em adesões a visões ideológicas que situam as mulheres como inimigas sociais ou objetos de desprezo. Um importante exemplo desse fenômeno é da presença de fóruns na plataforma social do *Discord*, uma das que, segundo essa pesquisa, mais levam à migração para a *Dark Web*.

A interface entre motivação individual e estrutura comunicacional coletiva se manifesta também na maneira como as plataformas favorecem a disseminação desses conteúdos. Pesquisas produzidas no decorrer deste trabalho indicam que a *machosfera*, longe de ser um nicho marginal, está presente em espaços comuns da internet, como o YouTube que possui cerca de 137 canais misóginos que em 2025 somaram bilhões de visualizações, monetizando discursos de ódio e aversão às mulheres e transformando tais narrativas em



produtos rentáveis comercializados como “desenvolvimento pessoal masculino”. Esse cenário revela como, em certos contextos, o discurso misógino ganha legitimidade e audiência, enquanto ao mesmo tempo contribui para a normalização da violência simbólica e verbal contra mulheres, o que pode repercutir no cotidiano social. Outra plataforma possuidora de inúmeros perfis similares é o *Instagram*. Vale ainda destacar a influência do masculinismo religioso, como por exemplo do movimento “Legendários”, que prega mesma norma masculinista amparada por denominações religiosas e legitimadas pela fé.

Esse contexto comunicacional aponta para uma intersecção crítica entre discurso digital e violência de gênero. No decorrer dessa pesquisa, por meio do mapeamento de comunidades misóginas no *Telegram*, percebeu-se um crescimento exponencial de conteúdos de ódio contra mulheres nos últimos anos, com milhares de usuários engajados em grupos que promovem, além da misoginia explícita, alianças com outras formas de extremismo e intolerância, incluindo o neonazismo. Enquanto isso, a disseminação de ideias como as defendidas por *incels*, que interpretam a falta de relações românticas como uma injustiça social que justifica ressentimento e hostilidade, está associada a casos de violência real contra mulheres, como demonstrado por eventos históricos e relatos midiáticos.

Do ponto de vista teórico, o fenômeno estudado dialoga com as análises de gênero que concebem o patriarcado não apenas como um conjunto de normas culturais, mas como um sistema comunicacional que perpetua relações hierárquicas de poder. A *machosfera* funciona como espaço de produção e reprodução dessas narrativas patriarcais, reforçando a ideia de que a identidade masculina estaria ameaçada por avanços nas relações de gênero. Esse discurso, ao ser amplificado por algoritmos e pela lógica de engajamento das plataformas, contribui para a manutenção de estruturas simbólicas de dominação, e potencialmente para a legitimação de formas de violência mais graves, incluindo o feminicídio, seja ele consumado ou não.

Diante desse cenário, torna-se evidente a necessidade de aprofundar a compreensão da dinâmica comunicacional desses grupos e de refletir sobre estratégias de enfrentamento que não se limitem à moderação de conteúdo, mas que também incorporem ações educativas e políticas públicas estruturantes. A conscientização da existência desses coletivos, a promoção de debates críticos sobre masculinidades e relações de gênero, e a formulação de políticas públicas que articulem educação digital, proteção contra violência de gênero e responsabilização de plataformas são essenciais para mitigar os impactos sociais desse fenômeno.

### **3. RESULTADOS E CONCLUSÕES**

Os resultados parciais desta pesquisa evidenciam que os fóruns masculinistas analisados, em especial aqueles associados à subcultura *incel* e a outros agrupamentos da *machosfera*, operam como espaços sistemáticos de produção, legitimação e circulação de discursos violentos, os quais extrapolam a esfera simbólica e se conectam diretamente a práticas



criminosas concretas. A observação não participante e a etnografia digital realizadas ao longo da pesquisa indicam que tais ambientes funcionam como verdadeiros laboratórios de radicalização, nos quais misoginia, ressentimento social, supremacismo e ideologias de extrema direita se entrelaçam de maneira orgânica e difusa.

Nos mais de 30 fóruns monitorados, a violência contra mulheres não aparece como um desvio isolado ou como mera retórica exagerada, mas como um elemento estruturante da identidade coletiva desses grupos. Narrativas que romantizam estupro, tortura, assassinato e práticas como necrofilia são recorrentes, muitas vezes apresentadas sob a forma de humor, fetichização ou fantasias discursivas, o que contribui para a dessensibilização moral e para a naturalização da violência extrema. Esse processo de banalização é potencializado por uma lógica comunicacional que recompensa a radicalidade discursiva com reconhecimento interno, pertencimento e status simbólico dentro da comunidade.

A pesquisa também identificou ainda que ataques violentos cometidos por indivíduos associados a esses grupos, incluindo atentados em escolas, assassinatos em massa e crimes de ódio, não podem ser compreendidos como atos isolados de sujeitos “desajustados” ou como muitos gostam de diagnosticar como “psicopatas”, mas como eventos socialmente produzidos dentro de ecossistemas digitais que estimulam a violência como forma de resposta à frustração masculina. A repetição de nomes, datas e manifestos nesses fóruns demonstra a existência de uma memória coletiva da violência, na qual autores de crimes são elevados à condição de mártires ou exemplos a serem seguidos. Trata-se de um processo semelhante ao observado em redes terroristas, ainda que operando sob a aparência de subcultura digital.

Um dos achados centrais da pesquisa é a sobreposição quase total entre fóruns *incels*, espaços masculinistas e ambientes digitais associados à extrema direita e ao neonazismo. Os mesmos espaços virtuais, especialmente na *Dark Web* e em plataformas com baixa ou nenhuma moderação, são utilizados para a circulação de discursos misóginos, racistas, antissemitas, LGBTfóbicos e conspiratórios. A misoginia, nesse contexto, atua como uma porta de entrada ideológica para formas mais amplas de extremismo político, confirmando análises que apontam o ódio às mulheres como um dos pilares estruturais das ideologias autoritárias.

A presença de símbolos neonazistas, referências ao supremacismo branco e à violência política é frequente nos fóruns analisados, revelando que o masculinismo radical não se limita a uma questão de gênero, mas integra um projeto ideológico mais amplo de restauração de hierarquias sociais antes adormecidas. A mulher, o corpo feminino e as dissidências de gênero aparecem como alvos prioritários porque simbolizam, para esses grupos, a ruptura com a ordem patriarcal tradicional e a ordem social pregada e esperada. Deste modo, a violência de gênero se articula diretamente com o autoritarismo, o racismo e o ódio político. Diante desse cenário, os resultados da pesquisa reforçam a urgência de políticas públicas reais e estruturadas, que ultrapassem respostas meramente punitivistas ou moralizantes.



Iniciativas legislativas recentes, como aquelas apresentadas pela deputada federal Erika Hilton, voltadas ao enfrentamento do ódio online, à responsabilização de plataformas digitais e ao monitoramento de comunidades extremistas, incluindo aquelas que operam em aplicativos como o *Discord* representam avanços importantes no reconhecimento institucional do problema. Ao nomear explicitamente a atuação de grupos *red pill* e masculinistas como uma questão de interesse público e de segurança social, tais propostas rompem com a invisibilização histórica dessas violências.

No entanto, a pesquisa aponta que legislação, isoladamente, não é suficiente. As ciências sociais e os campos críticos da esquerda são uníssonos ao afirmar que o enfrentamento desse fenômeno exige uma abordagem multidimensional, que inclua educação para a igualdade de gênero, letramento digital crítico, políticas de cuidado em saúde mental, fortalecimento de redes comunitárias e enfrentamento das desigualdades estruturais que alimentam o ressentimento social. A construção de outras masculinidades possíveis passa, necessariamente, por processos de reeducação social e familiar, capazes de romper com a associação entre virilidade, dominação e violência.

Nesse sentido, os dados coletados demonstram também a ineficácia das artimanhas discursivas da extrema direita, como a defesa da redução da maioria penal ou o endurecimento genérico das punições criminais, como a castração química e a pena de morte, frequentemente apresentadas como soluções para a violência. Tais propostas não apenas falham em atacar as causas estruturais do problema, como também reforçam a lógica punitivista e autoritária que sustenta os próprios grupos analisados. A violência produzida na *machosfera* não se resolve com mais encarceramento, mas com transformação social profunda, baseada em justiça social, educação crítica e políticas públicas orientadas pelos direitos humanos.

Nesse sentido, os achados desta pesquisa dialogam diretamente com um corpo consolidado de estudos que vêm demonstrando como a *machosfera* se estrutura como um ecossistema comunicacional articulado entre misoginia, radicalização política e violência (VILAÇA; D'ANDRÉA, 2021; AMATTO; MIGUEL, 2024). As análises sobre *incels* e celibato involuntário evidenciam a naturalização da culpa feminina e a produção de bolhas tóxicas de socialização digital (ANDRADE, 2022; BRAGA, 2021; SILVA et al., 2021), inseridas em ambientes que operam majoritariamente na *Dark Web*, cujas dinâmicas técnicas e simbólicas favorecem práticas criminosas e extremistas (ALVES, 2019; DE AZEVEDO, 2017; VIDAL; DOS SANTOS, 2017; VIGNOLI; MONTEIRO, 2020). A recorrência de ameaças, ataques e massacres, como no caso de Suzano, confirma a passagem do discurso ao ato violento (RUSCHEL, 2019), em consonância com estudos clássicos sobre o neonazismo digital e suas formas de organização em rede (DIAS, 2007; DIAS, 2018; DIAS; SUGIMOTO, 2021; DIAS, 2022a; DIAS, 2022b; DIAS, 2024). Observa-se ainda a convergência desses espaços com ideologias libertárias reacionárias e discursos *red pill*, amplamente difundidos por agentes e instituições como o Instituto *Rothbard* e suas produções editoriais (AMOEDO, 2024;



AMOEDO; SCHRAMM, 2021), reforçando uma gramática política alinhada à extrema direita. Do ponto de vista metodológico, esta investigação se ancora nos aportes da antropologia digital e da etnografia em ambientes conectados (netnografia), enfrentando desafios éticos e analíticos próprios da pesquisa em mídias digitais (FACIOLI; PADILHA, 2018; 2019; 2022). Ao mesmo tempo, tensiona leituras conservadoras sobre violência de gênero que buscam falsear assimetrias estruturais (PRÓTON, 2018), reafirmando a centralidade das discussões sobre masculinidades, gênero e decolonialidade (ROMEIRO et al., 2024). Além disso, este trabalho se insere em uma trajetória autoral que reflete criticamente sobre limites, subjetividades e violências no contemporâneo (MARQUES, 2021), contribuindo para a compreensão dos fóruns masculinistas como dispositivos centrais na articulação entre ódio, extrema direita e práticas de violência socialmente produzidas.

Por fim, urge portanto, a necessidade de enfatizarmos que os fóruns *incels* e masculinistas na internet e na *Dark Web* constituem um grave problema social, político e comunicacional, cujos efeitos extrapolam o ambiente digital e se materializam em crimes, mortes e sofrimento real. A pesquisa reafirma a necessidade de tratar esses grupos não como curiosidades marginais da cultura *online*, mas como atores centrais na produção contemporânea da violência de gênero e do extremismo político. Combater esse fenômeno é, portanto, uma tarefa coletiva que envolve Estado, sociedade civil, academia e plataformas digitais, sob o compromisso ético de construir uma sociedade menos violenta, mais justa e verdadeiramente democrática. Não é aceitável que no período histórico no qual vivemos, após experimentarmos diversos regimes autoritários de morte, essas ideologias continuem fortificando discursos e proliferando a criação de grupos masculinistas e supremacistas. Ser homem não impõe automaticamente a necessidade de força, sustentação, provimento e chefamento familiar, violência ou atitudes do tipo. Muito menos se resume a sentimentos de fortaleza, menos envolvimento emocional e menos humanidade. As características e ações historicamente assumidas e disseminadas para homens, são por muitas vezes características humanas, e não correlacionadas à gênero algum.

#### Referências bibliográficas

ADRIANA Dias. Galáxia da Ciência Brasileira. Brasil, 2024. Disponível em: Adriana Dias Galáxia da Ciência Brasileira (cgee.org.br). Acesso em: 9 abr. 2024.

ALVES, Flaviano de Souza. A Criminalidade na Deep Web. **Revista da Escola Superior de Guerra**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 67, p. 1-19, 25 jan. 2019.

AMATTO, Bruna; MIGUEL, Raquel de Barros Pinto. De Matrix a Suzano: manosfera, teoria redpill e o massacre da escola Raul Brasil. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**. Brasil, v. 2, n. 22, p. 1-28, 02 abr. 2024.



AMOEDO, Renato. **Instituto Rothbard**. Brasil, 2024. Disponível em: Home - Instituto Rothbard (rothbardbrasil.com). Acesso em: 24 fev. 2024.

AMOEDO, Renato; SCHRAMM, Renato. **Bitcoin Redpill: o renascimento moral, material e tecnológico**. 2ª edição. Brasil: Editora: independente, 2021.

ANDRADE, Bruna Letycia Ribeiro. A Culpa é toda Delas: analisando a naturalização dos discursos dos celibatários involuntários (incels), no Brasil. **RIBPSI: Revista Iberoamericana de Psicologia**, Curitiba, v. 2, n. 1, p. 1-21, 14 fev. 2022.

BRAGA, Nathalia Brunet Cartaxo. A Semiótica Psicanalítica dos Celibatários Involuntários. **Repositório PUC-SP**. São Paulo, v. 12, n. 6, p. 1-114, 23 jun. 2021.

DE AZEVEDO, Janaína Leite. Nas Sombras da Internet e do Não-Estado: reflexões sobre a ascensão de grupos extremistas na deep web no Brasil. **Revista da Jornada Científica de Comunicação Social**, Bauru, v. 2, n. 1, p. 1-3, 18 abr. 2017.

DIAS, Adriana Abreu Magalhães. **Entenda: o movimento neonazista no Brasil e a ligação com Bolsonaro**. Youtube, 2022. Disponível em: ENTREVISTA: O movimento neonazista no Brasil e a ligação com Bolsonaro | CAMA DE GATO (youtube.com). Acesso em: 07 abr. 2024.

DIAS, Adriana Abreu Magalhães. **Nazismo e Neonazismo no Brasil**. Youtube, 2022. Disponível em: Nazismo e neonazismo no Brasil com Adriana Dias | Podcast Matéria Bruta • Episódio 51 (youtube.com). Acesso em 07 abr. 2024.

DIAS, Adriana Abreu Magalhães. Observando o Ódio: entre uma etnografia do neonazismo e autobiografia de David Lane. **Repositório de Produção Científica e Intelectual da UNICAMP**. Campinas, v. 8, n. 4, p. 1-366, 2018.

DIAS, Adriana Abreu Magalhães. Os Anacronautas do Teutonismo Virtual: uma etnografia do neonazismo na internet. **Repositório de Produção Científica e Intelectual da UNICAMP**. Campinas, v. 6, n. 4, p. 1-329, 2007.

DIAS, Adriana Abreu Magalhães; SUGIMOTO, Luiz. **DO Discurso à Prática do Ódio?: grupos neonazistas e suas lideranças**. Youtube, 2021. Disponível em: (8) Do discurso à prática do ódio?: grupos neonazistas e suas lideranças | Adriana Dias (UNICAMP) - YouTube. Acesso em 07 abr. 2024.



DIAS, Adriana Abreu Magalhães. **Um Mergulho no Universo Neonazista**. Main Superior: jornal da UNICAMP. Campinas, 28 set. 2018. Disponível em: Um mergulho no universo neonazista | Unicamp. Acesso em: 08 abr. 2024.

FACIOLI, Lara Roberta Rodrigues; PADILHA, Felipe André. Ética e pesquisa em ciências sociais: reflexões sobre um campo conectado. **Mediações**, Londrina, v. 24, n. 1 , p. 1-31, 10 mai. 2019.

FACIOLI, Lara Roberta Rodrigues; PADILHA, Felipe André. **Pesquisa de campo com mídia digitais: desafios para a imaginação sociológica em tempos de pandemia**. Áskesis, Brasil, v. 11, n. 1 , p. 1-16, 22 dez. 2022.

FACIOLI, Lara Roberta Rodrigues; PADILHA, Felipe André. **Sociologia Digital: apontamentos teórico-metodológicos para uma análise das mídias sociais**. Redalyc, Brasil, v. 54, n. 3 , p. 1-13, 2018.

MARQUES, João Guilherme Aldeguer. **No Limite da Linha: seres limitados em um mundo sem limites**. Londrina: Editora: Viseu, 2021.

MARQUES, João Guilherme Aldeguer Marques. **A Machosfera e o Neonazismo**. 2024. 144 páginas. Trabalho de Conclusão do Curso de Ciências Sociais. Centro de Letras e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2024.

PRÓTON, Sara. **Belas e Feras: a violência doméstica da mulher contra o homem**. 1ª edição. Brasil: Editora: Manduruvá, 2018.

ROMEIRO, Lima Nathália, et al. Categorización de las nuevas masculinidades en entornos socioinformativos: reflexiones a partir de los estudios de género y decolonialidad. **Revista de Bibliotecología y Ciencias de la Información**. Portugal, v. 1, n. 86, p. 1-16, 25 mar. 2024.

RUSCHEL, René. AMEAÇAS na deep web crescem após atentado em Suzano. **Carta Capital**. Brasil, 12 mai. 2019. Disponível em: Ameaças na Deep Web crescem após o atentado em Suzano – Sociedade – CartaCapital. Acesso em: 16 mar. 2024.

SILVA, Guilherme Carmo, et al. Celibato Involuntário: bolhas sociais e toxicidade na internet. **12º Congresso de Inovação, Ciência e Tecnologia do IFSP**. São Paulo, v. 5, n. 2, p. 1-5, 2021.



VIDAL, Livia; DOS SANTOS, Latina. Deep Web: como acessar e porque não acessar?. **Revista do Simpósio de Pesquisa e Práticas Pedagógicas do UGB/ERP**, Volta Redonda, v. 1, n. 2, p. 1-3, 02 out. 2017.

VIGNOLI, Richele Grengé; MONTEIRO, Silvana Drumond. Deep Web e Dark Web: similaridades e disparidades no contexto das ciências da informação. **SciELO**, Londrina, v. 32, n. 3, p. 1-12, 21 ago. 2020.

VILAÇA, Gracila; D' ANDRÉA, Carlos. Da manosphere à machosfera. **ECOPÓS**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 1-31, novembro 2021.

